

# Metas para o ano que vem sob risco

## Objetivos de inflação e superávit serão desafios para novo governo

BRASÍLIA – Quem quer que seja o futuro presidente do país, ele terá que usar a criatividade para conseguir cumprir duas importantes promessas da economia para o ano que vem: perseguir a meta de inflação e garantir o superávit primário (receitas menos despesas, excluindo o pagamento de juros da dívida pública) acertado com o Fundo Monetário Internacional.

A disparada do dólar já contaminou os preços de produtos e serviços. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), referência do governo para a meta de inflação, fechou os 12 meses encerrados em setembro em 7,93%. No acumulado deste ano, a alta é de 5,6%, para uma meta máxima de 5,5%. Por enquanto, a inflação do ano que vem está sob controle. A meta é uma taxa de 4%, podendo chegar a 6,5%. O gover-

no projeta o índice em 4,5%. Entretanto, essa expectativa sofreu uma forte mudança desde a estimativa anterior, de junho, que era de 2,6%.

Já o superávit primário, estimulado em 3,75% do Produto Interno Bruto, vai precisar de um arrocho de gastos ainda maior para ser cumprido. Isso porque, no próximo ano, o governo não contará com a maioria das receitas extraordinárias obtidas este ano. A maior parte é proveniente de medidas provisórias que possibilitaram a quitação de impostos atrasados com anistia de juros e multa. Esse expediente já rendeu R\$ 18,7 bilhões ao governo este ano.

– O próximo governo terá que olhar a fundo as despesas desnecessárias e cortá-las. A margem se revela pequena. É preciso encontrar uma forma, porque a situação é muito difícil – afirma

Luciano Coutinho, professor da Universidade de Campinas.

Boa parte da alta do dólar já foi repassada para os preços. Se a disparada da cotação da moeda americana continuar, porém, o repasse da desvalorização terá reflexo no próximo ano. Isso dificultará o cumprimento da meta de inflação de 2003. Coutinho acredita que, se a taxa de câmbio não cair para algo em torno de R\$ 3, dificilmente essa meta será cumprida. Na semana passada, o dólar ultrapassou a barreira dos R\$ 4 por causa, principalmente, de vencimentos de títulos cambiais e de um cenário internacional tenso.

– O cumprimento da meta para o ano que vem está ficando cada vez mais difícil. A taxa de câmbio precisa recuar para R\$ 3. Esse é um problema criado por este governo e que será deixado para o próximo – diz Coutinho.